



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ELUÍSA ANDRESA DE LIMA SOUSA

LINHA DE PESQUISA:

Metodologia do Ensino de Geografia/Ensino Fundamental e Médio

**REFLEXÃO: SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)**

**GUARABIRA/PB
2017**

ELUÍSA ANDRESA DE LIMA SOUSA

**REFLEXÃO: SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia sob a orientação da Professora Dra. Regina Celly Nogucira da Silva (UEPB).

**GUARABIRA/PB
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S725r Sousa, Elúisa Andresa de Lima

Reflexão: sobre aprender e ensinar geografia no ensino fundamental (anos iniciais) / Elúisa Andresa de Lima Sousa. – Guarabira: UEPB, 2017.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva.”

1. Ensino de Geografia. 2. Material Didático. 3. Ensino-Aprendizagem. I.Título.

22.ed. CDD 910

LINHA DE PESQUISA:

Metodologia do Ensino de Geografia/Ensino Fundamental e Médio

ELUÍSA ANDRESA DE LIMA SOUSA

**REFLEXÃO: SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)**

Artigo apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – Campus III –
Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários
para obtenção do Grau de Licenciatura.

Aprovado em 13.11.2017

BANCA EXAMINADORA

Regina Celly N de Silva

Prof. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva (Orientadora) UEPB/CH/DG

Stedile Belizario

Prof. Ms Maria Aletheia Stedile Belizario UEPB/CH/DG

Cléoma Maria Toscano Henriques

Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques UEPB

**GUARABIRA/PB
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus discentes que graças a eles pode realizar a concretização deste trabalho. Aos meus pais pela dedicação e amizade e ao meu esposo pela paciência durante este período de realização de horas de estudos. Aos colegas de sala pelos momentos de amizade e companheirismo. Aos professores do Curso pelas contribuições por meio das disciplinas para o desenvolvimento da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pela força, coragem, sabedoria e fé por ter enfrentado mais uma etapa vencida através de muito trabalho.

Aos meus familiares, pela gratidão e força para continuar no curso e não desistir desta etapa tão fundamental na vida de qualquer pessoa.

Ao meu esposo pela contribuição no decorrer dos cinco anos deste curso pela paciência e horas de estudos dedicadas sem poder dá atenção devida ao mesmo.

A Fábio Dantas, coordenador do curso de Geografia, por seu empenho.

À Orientadora Dra. Regina Celly Nogueira da Silva (UEPB). , pela dedicação em orientar este estudo.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire)

043 – GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa: Metodologia do Ensino de Geografia/Ensino Fundamental e Médio

Título: REFLEXÃO: SOBRE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)

(Autor) - ELUÍSA ANDRESA DE LIMA SOUSA

(Orientador) - Prof. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva UEPB/CH/DG

(Examinadora) - Prof. Ms Maria Aletheia Stedile Belizario UEPB/CH/DG

(Examinadora- Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques UEPB

RESUMO

A presente pesquisa aqui enfocada tem como principal objetivo refletir sobre o ensinar e aprender geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo um trabalho realizado em duas escolas paraibanas da cidade de Pirpirituba-PB, que visa esclarecer questionamentos levantados com relação a educação nas instituições privadas e públicas, relacionadas a seu contexto social. O mesmo apresenta também, propostas para professores polivalentes atuantes em sala de aula, propondo novas condições para o melhoramento da educação, seja ela, Privada ou Pública. Nos quais discentes e docentes, independentes de suas perspectivas geográficas, fazem parte de um contexto onde o aluno é o sujeito integrante desse mundo de aprendizagem. Aqui valorizando a ideia de que cabe ao professor pensar sobre o modo como cada assunto, conteúdo, será abordado em sala de aula, uma vez que o mesmo é o mediador do processo didático. Desta forma, entende-se que o estudo da Geografia na Escola está recheada de práticas tradicionais que continuam a distorcer a realidade construída ao longo das mudanças que a geografia passou e vem passando. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisas bibliográficas e aulas observadas com alunos do quinto ano do fundamental na Escola Externato da Mônica e na EEEF Monsenhor Walfredo Leal, todas da cidade de Pirpirituba-PB.

Palavras Chaves: Ensino de Geografia, Educação. Material didático. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present theoretical and bibliographical research focused here has as main objective to reflect on the teaching and learning geography in the initial series of Elementary School. Therefore, it also presents proposals for multipurpose teachers in the classroom, thus proposing new conditions for the improvement of education, whether private or public. In which students and teachers, independent of their geographical perspectives, are part of a context where the student is the integral subject of this learning world. Here, valuing the idea that it is up to the teacher to think about how each subject, contents will be approached in the classroom, since it is the transmitter and receiver of the didactic process. In this way it is understood that the study of Geography in the School is filled with traditional practices that continue to distort the reality constructed along the changes that the geography has passed and is passing. The methodological procedures were based on bibliographical researches and classes observed with students of the fifth year of the fundamental in the School Externato da Mônica and in the EEEF Monsenhor Walfredo Leal, all of the city of Pirpirituba-PB. They are distinct institutions that have a framework of Project Pedagogies in a socio-historical conception.

Keywords: Geography Teaching. Education. Courseware. Teaching-learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	13
2.1.	Tipo de pesquisa	14
2.2.	Método de pesquisa	14
2.3.	Técnica de pesquisa	15
3	UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	15
3.1.	A ludicidade nas aulas de geografia	19
3.2.	Construção de conceitos a partir da realidade do aluno	21
4	A LEGISLAÇÃO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS	22
4.1.	O ensino da Geografia nas escolas de Pirpirituba	24
4.2.	Propostas pedagógicas para os professores de Geografia	26
4.3.	Atividade com a rosa dos ventos para aprender a localização geográfica	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresentaremos uma reflexão sobre o ensinar e aprender geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental e a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem, de modo que abordaremos também a concepção de autores nesse contexto, o que nos baseia na completude das ideias e na comprovação da veracidade das teorias dos teóricos. Serão apresentados como objeto de estudo as práticas da sala de aula, com o objetivo principal de construir, na perspectiva dos docentes, o lugar “papal” da geografia em seu processo formativo. E nesse entendimento se faz necessário aprender antes de qualquer coisa, a ler o espaço e ensinar as crianças a ler também visto que “O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona” (Rego, 2000, p. 8).

Conforme mencionado anteriormente, esse aprendizado a partir das perspectivas do aprender a aprender poderá tornar-se uma das bases de uma prática educativa, constituindo um conjunto de conhecimentos que relaciona a teoria ao desempenho educacional. Por isso mesmo é que não poderemos de forma alguma continuar nessa linha de raciocínio se não entender, qual é, de fato, o papel da Geografia nas séries iniciais.

Nessa abordagem estamos falando em espaços que precisamos aprender a ler, e que esses espaços, geograficamente falando, desde o nosso nascimento são parte da nossa história e da nossa vida, oferecendo condições e impondo limites. A partir do que elucida Corrêa em seus conceitos fundamentais sobre o papel da geografia que como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (1995, p. 16)

Pelo que enfatiza esse autor o conceito de geografia não deve ser ensinado apenas a partir de uma visão simplista, mas compreender a sua dimensão e o seu papel de fato nesse processo de aprendizagem. E considerando que estamos falando de processos de aprendizagem em relação à alfabetização espacial, não podemos de forma alguma negligenciar com esses momentos iniciais das crianças. E que também se pode inovar criando novas formas e uma nova realidade para estudar a geografia. Posicionando-se a favor de que ensinar geografia a partir de uma nova dimensão de aprendizado se constitui em um grande desafio, já que a maioria das nossas escolas ainda trazem em suas práticas uma estrutura de

ensino tradicional, e o professor no seu cotidiano também apresenta características bastante tradicionais.

E assim chegamos à premissa de o ensino de Geografia nessas séries, se expressa na contemporaneidade, como um conjunto de desafios educativos para oferecer respostas ao ensinar e aprender. Visto que precisamos compreender os problemas decorrentes das desigualdades socioeconômicas, políticas e sociais que afetam a humanidade em escala global para fundamentar toda uma prática de ensino-aprendizagem, em conformidade também, com a faixa etária dos alunos e alunas.

Pensar, propor e realizar um ensinar voltado para o aprendizado criativo, em um cenário que, ainda se rege por ensinar e aprender de forma tradicional, é mais que um desafio: é assumir a responsabilidade histórica de contribuir para a consolidação de um legado construído na diversidade. Por isso também, a partir das reflexões elucidadas nessa abordagem precisamos encontrar respostas para alguns questionamentos. Dentre eles, vale destacar se é possível, no contexto das séries iniciais, um ensino de geografia com práticas pedagógicas inovadoras e comprometidas com mudanças educacionais, no espaço da sala de aula.

E nesse entendimento não podemos deixar de apresentar o que dita os “Parâmetros Curriculares Nacionais” de Geografia quando mostra que o Ensino Fundamental de crianças e de adolescentes, desde as primeiras etapas da escolaridade, deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações sociedade e natureza formam um todo integrado do qual ele é membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente com os valores humanísticos”.

Assim, a presente pesquisa teórica e metodológica, aqui apresentada, surgiu da necessidade de observar como é o ensinar nas atuais escolas paraibanas, de maneira a observar, de maneira abrangente voltando o olhar para a contemporânea realidade em escolas privadas e públicas, além das experiências de inúmeras diversificações, entre elas nos cabe destacando algumas deficiências no aprendizado dos alunos, sendo que estes apresentam muitas dificuldades em aprender geografia, principalmente quando se pede para associar a mesma ao seu cotidiano. E para esclarecer muitas questões relacionadas a esse contexto foi que observamos duas escolas de ensino fundamental da cidade de Pirpirituba-PB. Uma privada e a outra pública ambas com alunos bem diferenciados e problemas sociais distintos. Nesse processo de construção do conhecimento a partir dos PCN de Geografia, e com base no aprendizado dos alunos das séries iniciais das citadas escolas, é que apoiamos o principal

objetivo desse estudo: é analisar o ensino de geografia na escola pública e privada de Pirpirituba-PB.

As concepções elucidadas até aqui não devem nos levar a considerar que as práticas e ações em curso no espaço da sala de aula sejam erradas e fora de moda, mas apenas apontar mudanças considerando o princípio da qualidade como garantia do acesso, da permanência e da inclusão de todos, e de forma igualitária às mudanças propostas, relativas a esse campo do conhecimento. Esse entendimento se deve porque muitos acham o estudo da Geografia desinteressante e desmotivador, levando a ser perceptível uma falta de conexão entre o assunto que é estudado e a realidade vivenciada pelo aluno. E impulsionados com a perspectiva de uma melhor prática pedagógica é que esta pesquisa se justifica, em primeiro lugar por se tornar prazerosa e agradável, e em segundo por ser muito desafiadora.

Atualmente, em nossa realidade enquanto educadores, nos deparamos cotidianamente com o tradicionalismo na escola, fator este que acaba dificultando uma proximidade maior entre professor e aluno, gerando certo bloqueio com questões referentes a aprendizagem.

Sabe-se que processo de educação necessita de atualizações para conseguir acompanhar as mudanças e evoluções da sociedade atual, e assim, suprir essas demandas necessárias na educação.

2 METODOLOGIA

Nesta parte do artigo estão apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para esse estudo, cujos sujeitos observados compõem-se de professor e alunos de uma escola pública e de uma escola privada da cidade de Pirpirituba– PB.

A metodologia aplicada nesta abordagem foi elaborada na forma de uma revisão bibliográfica, uma vez que se pretendeu entender a dinâmica das salas de aulas em relação ao ensino de Geografia, a partir da visão dos envolvidos, quer sejam alunos e professores, sem necessariamente intervir no objeto de estudo, mas revelando a situação tal como se apresenta. Segundo Minayo (1994), entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido podemos dizer que a metodologia é a parte principal da teoria, como dizia Lênin (1965) que o “método é a alma da teoria”.

2.1 Tipo de pesquisa

Essa pesquisa é de caráter **bibliográfico, em que realizado um estudo** através das interações de alunos e professores de uma escola de educação regular na cidade de Pirpirituba-PB. Para recolher as informações necessárias foram realizadas observações em sala de aula com os alunos e professores, sobre a didática, métodos de ensino e as relações dos alunos com a construção do conhecimento. Nesse sentido, a utilização das observações foi relevante por gerar ricas contribuições à pesquisa.

Do ponto de vista dos seus objetivos, essa pesquisa se caracteriza como descritiva na qual a pesquisadora registrou e descreveu os fatos sem interferir neles e utiliza técnicas padronizadas de observação. Segundo José Filho (2006)

“O surgimento da necessidade de se pesquisar já traz em si, a necessidade de um diálogo com a realidade a qual se objetiva investigar e com o diferente, uma comunicação dotada de crítica, que direciona a momentos criativos. O intuito de conhecer fenômenos que o constituinte dessa realidade a busca de aproximação, diante de sua complexidade e dinamicidade dialética”.

2.2 Método de pesquisa

Para recolher as informações necessárias foram realizadas pesquisas e leituras de fundamentação bibliográfica, em livros, sites e publicações de autores reconhecidos pela comunidade científica, sobre a temática, os métodos de ensino e as diferenças utilizadas pelas interações em sala de aula.

Também é importante ressaltar que utilizamos a realidade de crianças presentes nas salas de aulas, e essas informações foram selecionadas a partir das leituras realizadas para essa abordagem. As razões expostas acima justificam a escolha pelo estudo bibliográfico, pois possibilita maior aproximação e conhecimento do objeto a ser estudado e possibilita explorar os processos que se desenrolam na unidade estudada, permitindo-se fazer uma análise das várias ações e significados que ocorrem no contexto pesquisado (OLIVEIRA, 2011).

2.3 Técnica de pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido seguindo uma metodologia descritiva, com abordagem qualitativa. De acordo com Rodrigues (2007) a abordagem qualitativa é a análise dos dados de forma teórica, em que o pesquisador interpreta e faz atribuições de forma significativa.

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação nesse artigo foi feita para em primeiro plano, estudar e entender, as interações e a aprendizagem, de alunos no ambiente da sala de aula de uma escola pública e uma escola privada da cidade de Píripituba-PB. E em segundo plano porque o número de alunos presentes na sala de aula é muito pequeno.

Assim, a pesquisadora escolheu participar de algumas aulas, na condição de observadoras, para registrar os fatos que fossem do interesse desse estudo. Foram analisadas como se davam as orientações da professora com os alunos, e de igual forma como essas orientações eram recebidas e interpretadas por ele. Para compor esta pesquisa, de maneira que os objetivos fossem alcançados, fizemos uso apenas de observações e anotações, como instrumento de investigação.

3 UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino de Geografia pode ter início no conceito de que ele será construído e reconstruído, para permitir ampla exploração dos elementos, sobre a necessidade de ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens vistas são o resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Para esse fim, esse é o papel da geografia na escola.

Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem. Com relação a essa problemática sobre a questão didática na sala de aula, Rincón (2004, p.70) descreve que:

O ensino de geografia como disciplina da escola primária e secundária requer um enfoque geográfico, pedagógico e didático apoiado nos livros didáticos e nos

cadernos de trabalho, além de atlas geográficos, globos terrestres, mapas naturais, imagens de satélites, fotografias aéreas, revistas científicas, vídeos, áudios, televisão, computadores, enciclopédias eletrônicas, Internet, cartografia básica em diferentes escalas do país e do mundo, instrumentos para trabalho no campo, projetores de filmes e de slides, coleções de pedras, fósseis, plantas, animais, minerais, entre outros que possam ser obtidos.

E para trabalhar nessa perspectiva, o professor deve engajar a criança no processo e traçar estratégias que as levem do conhecimento prévio à criação. Pois durante a criação será possível abordar o ensino de Geografia, as imagens, o repertório e transitar por uma infinidade de modalidades e coleções culturais.



Figura 1 discentes de Escola Privada em uma aula prática sobre o relevo e a vegetação local. Fonte: (foto da autora, 2015).



Figura 2 discentes de Escola Pública sendo inseridos em uma aula sobre o relevo e a vegetação local igualmente a aula dada na escola privada. Fonte (foto da autora, 2015).

A criança, mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de letramentos geográficos, pois ela já faz a leitura incidental desses espaços. O contato com esse mundo pode acontecer muito antes das letras e ir além delas, abrindo horizontes para compreender contextos sociais e sua relação com as práticas escolares, possibilitando investigar o ensino e o aprendizado de geografia. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para

entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 2001, p. 98).

Se este é um fenômeno social, devemos trazer para o espaço escolar as vivências e a participação para alterar as condições de alfabetização. Ao entrar na escola, e na maioria das vezes as crianças se deparam com outras experiências e são conduzidas em outros processos de aprendizagens para conseguir realizar leituras específicas, com o propósito de serem avaliadas quanto à construção e transformação de leituras de espaços geográficos, em uma atividade escolar nem prazerosa.

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (Santos, 1988, p. 98).

Isso tudo acontece porque entendemos que a prática da geografia na escola, está recheada de hábitos ancestrais, e esses continuam a distorcer a realidade construída historicamente distanciando todos, de uma apropriação do espaço nos moldes de uma cidadania efetiva. Além do mais, pesquisas comprovam que muitos professores que são atuantes das séries iniciais, não foram praticamente alfabetizados na área de geografia, e aqui entendemos que se abre um precedente para se fazer uma crítica observando então, as crianças terminam chegando ao Ensino Fundamental dois sem uma construção das noções básicas de localização, compreensão da estrutura do espaço, organização e representação espacial.

Não se espera que uma criança de sete anos possa compreender toda a complexidade das relações do mundo com o seu lugar de convívio e vice-versa. No entanto, privá-las de estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir suas explicações é uma prática que não condiz mais com o mundo atual e uma Educação voltada para a cidadania. (Straforini, 2001, p. 56-57)

O ensino de geografia tanto na escola pública quanto na privada ainda está muito preso ao livro didático. Isso faz com não percebamos a presença de tecnologias que podem ser usadas para criar novas possibilidades de aprendizagens. Isso porque cada vez mais elas fazem parte do nosso cotidiano criando imagens, sons, animação. Tais procedimentos passam a exigir uma nova postura docente, no sentido de criar uma nova área de estudos relacionados com os novos estudos geográficos. Isso por que:

Por ter sido uma disciplina mal compreendida ou de certa forma foi vista como uma “disciplina decorativa”, onde não há o que se entender mais sim decorar, fez com

que os alunos perdessem o interesse por esta ciência, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo- clima- vegetação- população- agricultura- cidades- indústrias. (LACOSTE, p.21, 1988).

Figura 3– Vemos que o ensino da geografia tanto na escola pública quanto na privada ainda muito presa ao uso do livro como ferramenta única de ensino. **Fonte:** (foto da autora, 2015)



Mediante essas discussões, cabe perguntar: o que vem sendo ensinado nas aulas de geografia? Os alunos têm efetivamente aprendido os conteúdos propostos? É certo que nas aulas um discurso sobre conteúdos relacionados a essa disciplina vem sendo estudado, mas constatamos que ainda é muito pouco o que é ensinado para ser vivenciado por eles.

Da mesma forma que, tais discursos produzidos pelo autor da obra em questão, seja também o produzido pelo professor. E como resultado observou-se que os alunos nem sempre se mostram competentes para analisar, interpretar dimensões responsáveis pela construção dos conhecimentos. Também é relevante considerar que ante essas constatações, o ensino de geografia nas séries iniciais, ainda não tem respostas plenas para esses dois questionamentos. O que se sabe é que a experiência cotidiana do professor na escola revela um quadro preocupante.

De acordo com o que vemos hoje nas escolas podemos afirmar que, na prática, o ensino de geografia nessa fase não tem alcançado os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, a saber:

“Conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão, de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem;
Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais;

Conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar;

Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;

Compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;

Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;

Orientá-los a compreender a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, desde as imagens, música e literatura de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interprete, analise e relacione informações sobre o espaço;

Saber utilizar a linguagem gráfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos;

Valorizar o patrimônio sociocultural e respcitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia” (PCN – Introdução, p.35).

Como se vê pelos objetivos propostos pelos PCN de Geografia, o que deveria ser o centro das atividades e espaços para diferentes leituras e construções de sentidos, muitas vezes acaba assumindo papéis periféricos quanto a possibilidades de estudos. E tem mais, o desenvolvimento de habilidades leitoras dos alunos tem se limitado a apropriação de um discurso didático estampado nos livros. E nas escolas tanto públicas quanto privadas, os livros que hoje circulam no espaço escolar ganharam as feições atualmente conhecidas no final da década de 1960 e início da década de 1970, momento em que se consolidou um perfil diferente de material didático no mercado escolar brasileiro.

Inicialmente é importante elucidar que o material mais utilizado nas aulas de Geografia sempre foram os livros didáticos destinados para serem consultados, tanto na escola quanto em casa, de forma individual. Esse perfil opõe-se a uma nova proposta pedagógica com atividades para facilitar o aprendizado e despertar um outro olhar, com vistas a mudanças significativas em relação ao ensinar Geografia nas séries iniciais.

3.1 A ludicidade nas aulas de geografia

Os livros são fundamentais, pois apresentam, além de informações precisas, imagens para leitura e exploração. Os mapas com representação de cidades e países, as matérias extraídas de jornais e revistas, as maquetes com material disponível nas casas dos alunos. Esses recursos podem ser usados em diferentes situações, ou seja, na sala de aula ou em ambientes abertos, por meio de jogos, músicas e desenhos, assim como na organização de

diálogos com os familiares dos alunos. Mas o que devemos considerar será a maneira como utilizar essas ferramentas de forma correta, especialmente os jogos como atividade práticas, pois Santos (2010) vem nos remete a pensar sobre as mesmas e coloca que nas escolas:

Os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas. (SANTOS, 2010, p. 03).

Como apontado pelo referido autor, os jogos lúdicos passam a ser um canal por meio do qual os alunos passariam a integrar conteúdos utilizados na construção do aprendizado de Geografia e também como se trabalhar em grupo. Essa estratégia de ensino busca sair da rotina da aula expositiva, figurando ainda como um estímulo maior para a assimilação por parte dos alunos da mesma forma que contribui diretamente no seu raciocínio.

Partindo do pressuposto que a criança precisa aprender a ler o mundo, principalmente o Mundo em que ela vive, é levado em conta de que a leitura é também um objeto de ensino, e nesse sentido precisa ser sentido do ponto de vista do aluno. Então se faz necessário garantir condições para que as crianças aprendam os significados das palavras e das imagens. E a linguagem por imagens, jogos, músicas e desenhos é uma forma de comunicação que pode ser estimulada desde os anos iniciais de escolarização.

O incentivo ao acesso aos conteúdos atrelado a arte e ao domínio de ferramentas pedagógicas poderosas, assim prazerosas, que leva professores e alunos a despertarem para o estudo da ciência geográfica e da espacialidade vivida, frente aos meios de comunicação disponíveis. Sendo assim a metodologia diferenciada, aplicada de maneira diversificada é um recurso pedagógico muito valioso, sendo provavelmente um potencial que poderá reduzir o susto e possivelmente o medo de aprender, devido às metodologias didáticas diferenciadas à capacidade dos educandos.

Segundo Sousa et al (2011):

“A sociedade que se configura exige que a educação prepare o aluno para enfrentar novas situações a cada dia. Assim, deixa de ser sinônimo de transferência de informações e adquire caráter de renovação constante. A educação no mundo e a brasileira vêm sofrendo novas intervenções nestes mais recentes 10 (dez) anos, no tocante à presença e a implementação de tecnologias recentes na educação.” (SOUSA, 2011,p.19).

A partir desse discurso nos deparamos com uma reflexão: ao chegar em sala de aula devemos ou não atuar como docentes inovadores? Ou devemos nos manter ultrapassados em relação a utilização do lúdico, tendo em vista que este não é só um desgaste físico?

Leva o futuro professor a refletir sobre o processo didático pedagógico no qual o professor está inserido sobre quais os objetos e técnicas adequadas para aquela possível situação didática. Para Cavalcanti (2002): “Particularmente, a geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos reafirmando outros...” (Cavalcanti, 2002, p.11), que da mesma forma, levanta questões sobre o ensinar e para que ensinar-se Geografia.

3.2 Construção de conceitos a partir da realidade do aluno

O mundo hoje configura como um período em que a educação vem recebendo uma crescente atenção por parte dos mais diferentes segmentos da sociedade: se por um lado as transformações econômicas e tecnológicas criaram novas demandas para o ensino, em especial o ensino de Geografia, também é verdade que a permanente reafirmação desse processo educacional impactou de maneira qualitativa no cenário nacional. Todos esses processos coincidiram com mudanças no Brasil, que vão influenciar decisivamente a gestão dos saberes no ambiente escolar. E nesse entendimento novos conceitos passaram a ser compartilhado por todos, proporcionando oportunidades básicas de aprendizagem. Essas afirmações vão corroborar com Cavalcante (1998, p.135), que afirma ser “o ensino de geografia tem a função de lidar com a espacialidade e com o conhecimento geográfico de cada um para provocar neles (sic) alterações no sentido de uma ampliação”

Tal concepção explícita também na visão desse estudioso considera pelas práticas a necessidade urgente de ser o ensino de Geografia a partir das vivências dos alunos para garantir o atendimento das especificidades culturais, sociais e pedagógicas dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Favorecendo assim, que fique claro, o acesso à construção e a disseminação dos conhecimentos.

Em contraposição a esse discurso Callai (2003, 2006) adverte, porém, que não se trata de trabalhar o lugar apenas como uma referência local, mas como uma escala de análise necessária para se compreender os fenômenos que acontecem no mundo, mas ocorrem temporal e territorialmente nesse local. Trabalhar esses fenômenos como conteúdo geográfico é compreendê-los a partir do lugar do sujeito, de sua realidade, o que permitiria maior identificação dos alunos com os conteúdos. O lugar deve ser referência constante, levando ao diálogo com os temas, mediando a interlocução e a problematização necessária à colocação

do aluno como sujeito do processo. Ao estudar o lugar, pode-se atribuir maior sentido ao que é estudado, permitindo que se façam relações entre a realidade e os conteúdos escolares.

Figura 4: Alunos aprendendo sobre os tipos de vegetação local e sobre o relevo e preservação ambiental.
Fonte: (foto da autora,2015)



Desta forma o surgimento de cenários mais favoráveis ao progresso do aprendizado considerando a realidade do aluno já nas séries iniciais reafirma um impacto bastante positivo no ambiente da sala de aula, ou seja, impacta de maneira qualitativa na realidade escola. E nos leva a crer que não poderemos separar o sujeito da realidade local.

4 A LEGISLAÇÃO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS

Sabemos que todos os ensinos passaram por muitas modificações nas últimas décadas do Século XX e prossegue nos dias atuais. Com o ensino de Geografia não foi diferente, pois impões uma necessidade para compreender as relações sociais e a natureza. Na busca de respostas, o professor de Geografia, segundo a Legislação deve ser aquele que assume um

papel fundamental, pois é dele a responsabilidade de criar possibilidades para que o aluno se insira nesse mundo do conhecimento geográfico. Mas podemos verificar que a legislação aponta uma situação e a realidade nas escolas outra, abrindo-se aqui um precedente para se fazer uma crítica. E como consequência, a partir do início da década de 1980, o ensino da Geografia se caracterizou por uma dualidade epistemológica, teórica e dos conteúdos. Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, o ensino de Geografia apresentava alguns problemas, tais como:

- a memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de Geografia, mesmo nas abordagens mais avançadas. Apesar da proposta de problematização, de estudo do meio e da forte ênfase que se dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes;
- a noção de escala espaço-temporal muitas vezes não é clara, ou seja, não se explicita como os temas de âmbito local estão presentes naqueles de âmbito universal e vice-versa, e como o espaço geográfico materializa diferentes tempos (da sociedade e da natureza)

Pelo apresentado, constatamos que esses problemas apontados ainda sejam reais. E eles nos reforçam para afirmação em relação à dualidade. Embora que os PCN de Geografia tenham sido construídos para preparar melhor o professor a ser conhecedor dessa Legislação de forma mais sistematizada. E assim eles propõem que:

"O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais esse campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico".

E nesse entendimento os Parâmetros Curriculares em relação às séries iniciais propõem que devem contribuir para o educando:

- Posicionar-se criticamente frente às desigualdades sociais, por meio da leitura dos espaços geográficos produzidos;
- Reconhecer que a produção dos espaços geográficos é produto da sociedade que o constrói por meio do trabalho humano;
- Analisar as relações da sociedade com a natureza numa perspectiva dialética, crítica e transformadora;
- Compreender que o uso das tecnologias é um fator determinante na produção dos espaços tanto do campo quanto urbanos, interferindo nos conceitos de temporalidade e de espacialidade;
- Situar-se crítica e construtivamente no espaço local, reconhecendo-o como parte da totalidade/mundo;
- Reconhecer-se como sujeito histórico e agente das transformações do espaço, buscando novas formas de interagir com o meio para garantir a emancipação humana e a sustentabilidade planetária;

- Formar hábitos, posturas e comportamentos voltados para o exercício de direitos e obrigações, base para construção da emancipação humana, isto é, o convívio social, o respeito e a tolerância, evitando qualquer forma de discriminação, preconceito ou estereótipos;
- Articular o ensino com a pesquisa desde o início do processo educativo.

4.1 O ensino da Geografia nas escolas de Pirpirituba

As escolas escolhidas para serem visitadas ficam no município de Pirpirituba, e como já foi esclarecido, uma delas pertence a esfera pública e a outra privada.

O município de Pirpirituba está localizado na Microrregião Pirpirituba e na Mesorregião Agreste Paraibano do Estado da Paraíba. Sua área é de 80 km² representando 0.1415% do Estado, 0.0051% da Região e 0.0009% de todo o território brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 99 metros distando 79,4 Km da capital. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 101/PB 057/PB 073. O município está inserido nas Folhas SUDENE de Solânea e Guarabira na escala de 1:100.000.

Mapa 01: Localização do município de Pirpirituba. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Pirpirituba>



O município tem escolas públicas e privadas, que vão desde o ensino fundamental com as Escolas municipais e particulares atendendo desde a pré-escola até os anos finais do fundamental já as duas escolas estaduais localizadas no município abrange tanto o ensino fundamental quanto ao médio.

No qual para a observação desse trabalho foram escolhidas duas escolas bem distintas a E.E.E.F.M. Monsenhor Walfredo Leal e o Externato da Mônica ambas localizadas no centro da cidade. As séries escolhidas foram justamente as do 5º ano nas duas escolas uma no turno vespertino na E.E.E.F.M. Monsenhor Walfredo Leal com um total de 35 alunos na sala entre a faixa etária de nove a quatorze anos e outra no turno matutino no Externato da Mônica com um total de 16 alunos na sala entre nove a dez anos de idade.

A E.E.E.F.M. Monsenhor Walfredo Leal está localizada na Rua Professor Antônio Florentino no Centro da Cidade atende desde o ensino fundamental anos iniciais até o ensino médio modalidade EJA, a mesma passou por uma reforma a alguns anos para melhor comportar o número de alunos que existem na mesma, possui 41 funcionários sendo 25 professores distribuídos entre as séries ofertadas na escola onde funciona nos três turnos com uma totalidade de 600 alunos segunda a gestora da escola sendo a maior parte desses pertencente ao turno noite os dados históricos de formação da escola a atual gestora não sabe informar segundo a mesma a escola foi uma das primeiras escolas a serem fundadas no município porém não se tem registro por terem sido extraviados ao longo dos anos.

O Externato da Mônica está localizada na Rua Celso Cisne, Nº243 centro da cidade de Pirpirituba-PB como instituição de Ensino Privado, a mesma atende desde o maternal até o quinto ano sendo uma das escolas privadas mais antiga da cidade teve a sua implantação como instituição no dia sete do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e setenta e sete por causa que a dona não encontrava escolas que aceitasse a sua sobrinha com necessidade especiais, a escola possui uma média de 270 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino o seu quadro de pessoas trabalhando é de 20 Professores dividido entre os dois turnos e 05 Auxiliares de professor.

O cuidado com o ambiente físico e a superlotação em sala de aula é de suma importância para uma boa aprendizagem, e a escola é preocupada em manter uma boa estruturação em todos os espaços a onde a gestora conta com além dos funcionários da escola os alunos para manter a estrutura da escola em bom funcionamento.

Importante ressaltar que a direção da escola não se negou a prestar qualquer informação sobre o funcionamento da escola e a conduta pedagógica, levando a uma liberdade para que se pudessem fazer as observações e ainda contando com a orientação da coordenadora pedagógica.

E pelo exposto destacamos que o posicionamento optado pela pesquisadora é o de apenas observar os procedimentos metodológicos das aulas, nas duas escolas, aplicadas pelo professor de Geografia.

Como já foi explicitado nessa abordagem, a falta de dinamização nas aulas de Geografia promove grandes desinteresses para todos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem: de um lado, quem ensina e de outro, quem precisa ser ensinado. No caso das escolas visitadas essa realidade não é diferente, pois os alunos em muitos momentos não são instigados a produzir outros conhecimentos a partir das suas vivências. Isso se dá também porque os livros didáticos utilizados abordam uma realidade que não é condizente com a do aluno. E o discurso do professor se prende muito à reprodução das abordagens do livro, tais como os exercícios, por exemplo. E a maior parte das atividades da disciplina são trabalhadas pelo método transmissivo com o fim de desenvolver nos alunos apenas a memorização. Corroborando com BRABANT (1990:22) “a crise da geografia na escola se resume essencialmente na crise de sua finalidade”

Pelo constado nas duas escolas a realidade é a mesma. De qualquer modo, independente de, o professor, ter consciência do tipo de ensino que está sendo aplicado ou que desenvolve em suas aulas, as tensões existentes com relação a falta de interesse se manifestam no contexto escolar. Nas duas escolas pesquisadas tivemos a preocupação em apenas observar a maneira como os conteúdos eram trabalhados pelos professores e assimilados pelos alunos. Os assuntos de ordem Populacional, relacionados à Natureza, Urbanização e Industrialização, foram os abordados nos dias de visitação. E desta forma pudemos perceber que nas escolas o material didático era bem escasso, especialmente na parte cartográfica.

A constata o de que o ensino de Geografia se condiciona ao aluno como parâmetro não consegue alcançar a realidade concreta, uma vez que os conteúdos, os métodos e as estratégias que são utilizados são a partir de uma realidade que não é a dos alunos. Por isso é que, se desejamos cumprir o papel de mediadores entre o aluno e o imenso recipiente de recursos disponíveis aos que se propõem a estudar com afinco, devemos nos responsabilizar por criar uma organiza o do cotidiano escolar a partir de informaçoes mais precisas e consistentes.

4.2 Propostas pedagógicas para os professores de Geografia

Nessa linha reflexiva devemos considerar o professor como o profissional capaz de construir estratégias de a o com base em seus próprios estudos, e não em modelos fornecidos por estatísticas. Segundo Cavalcanti (2002, p71),

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de Geografia é o de uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino. Ensino é o processo de conhecimento mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos e as formas organizativas do ensino.

Desse modo, o que sabemos é que mesmo o professor sendo sabedor do seu papel, e da necessidade de se construir novas estratégias nessa fase inicial, tem também a clara concepção de que há um grande desafio para desenvolver uma metodologia que atenda as necessidades dos alunos. Parece-nos claro que, uma boa estratégia para mobilizar os alunos a se tornarem mais participativos seriam as aulas de campo como recurso didático fundamental para a construção de diversos conhecimentos dos alunos. Isso possibilitaria neles não somente reconhecer o ambiente em que se vive, mas outros conhecimentos de ordem social poderiam ser despertados, pois ela, a aula de campo, relacionaria conteúdos mais amplos. Sendo assim, nos dias atuais, a difícil tarefa de ter o que dizer e, principalmente, uma razão para dizer, não se constrói por meio de exercícios de escrita reproduzido do livro didático.

4.3 Atividade com a rosa dos ventos para aprender a localização geográfica

Considerando a necessidade de encontrar soluções para os problemas apresentados nas aulas de Geografia, sugerimos uma atividade que pode ser aplicada em uma aula de campo. É interessante que o professor apresente aos alunos informações sobre as características dessa aula, recursos didáticos que serão utilizados. É importante que o aluno compreenda a situação e os elementos que serão mobilizados. Portanto, a sala de aula se torna o ambiente mais adequado para o aprendizado, cuja responsabilidade do professor é a de realizar atividades mais eficazes no processo de ensino e aprendizagem.

Figura5 –Alunos na confecção da Rosa dos Ventos. (Fonte: foto da autora,2015)



Vale ressaltar, nesse sentido, a precariedade encontrada nas escolas com relação ao ensino dos alunos, o desafio ao qual os professores se prontificam diariamente a enfrentar, a exemplo a falta de materiais para a produção das aulas, que acaba prejudicando a desenvoltura das mesmas.

Nesse sentido, propomos uma metodologia de aula sobre a utilização adequada da rosa dos ventos. Durante a abordagem desse conteúdo é importante que o professor não apresente a rosa dos ventos pronta, sendo essencial a sua construção com o auxílio dos alunos, despertando a atenção para o fato de que os nomes dos pontos colaterais são formados a partir da junção de dois pontos cardeais.

E para dar concretude a nossa proposta, podemos realizar com uma turma das séries iniciais do Ensino Fundamental. Também o professor deve propor discussões oralizadas para, a partir das delas, verificar se os resultados foram alcançados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da construção e elaboração deste trabalho, a discussão teórica embasada em revisão bibliográfica sobre o ensino de Geografia para as séries iniciais do Ensino Fundamental, foi possível observar que os processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar ainda está pautado em modelos tradicionais, em que o professor se prende muito ao livro didático apenas reproduzindo as falas do autor, de forma que, essa maneira de ensinar provoca considerável desinteresse para os alunos que estão iniciando sua fase escolar.

A realização desse trabalho proporcionou identificar de forma mais explícita, sem maquiagem que muitos consideram a geografia uma disciplina de “pura decoreba”. Pensamentos como esses devem ser rompidos, de forma que professores da disciplina sejam motivados a buscar várias maneiras de renovar e inovar o ensino, criando situações concretas de aprendizagem através de atividades lúdica.

A partir deste artigo, vê-se a necessidade da realização de outros estudos voltados à importância da disciplina de Geografia, como um aprofundamento em demais cursos de formação de profissionais que desejam atuar na área. Vale retomar ao ponto que esses aprofundamentos serão a título de sugestão, levando em consideração que atualmente a sociedade brasileira vive um caldeirão de contradições e desconstruções das relações sociais.

A realização deste trabalho nos permitiu vislumbra uma oportunidade de sistematizar um conjunto de saberes e conhecimentos em relação ao ensino de ensino de geografia e como ele se expressa no ambiente da sala de aula. Também entendemos que esse é um campo de conhecimento que está acessível a todos, mas ainda de forma dispersa. Buscamos nessas reflexões oferecer uma leitura articulada com contextos múltiplos. Esperamos ter concretizado nossas intenções.

Com base nas análises desse trabalho, pode-se observar também a preocupação em promover qualificação aos profissionais para desenvolver cada vez mais aprendido, aptidões e a forma como os alunos se relacionam com a disciplina.

É preciso que a escola avalie e reavalie constantemente o seu cotidiano educacional e reveja suas práticas com os alunos. Neste sentido, é preciso refletir que a escola precisa aprender a lidar com a diversidade existente.

Por fim, vale lembrar que é preciso valorizar as diferentes formas de construção do conhecimento, pois as mesmas representam um avanço cultural, social e político, no que diz respeito aos alunos que são seres humanos, e nas escolas, estão se preparando para a vida.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena C. **Estudar o Lugar para compreender o Mundo**. In: Antonio Carlos Castrogiovanni; Helena Copetti Callai; Nestor Andre Karecher (Org.). Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7 edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, v. 15, n. 42, São Paulo: USP, (2001), p. 259-268.
- <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso 20 de dezembro de 2016
- LACOSTE, Y. **Geografia do subdesenvolvimento: geopolítica de uma crise**. 7. ed. Paulo: Difel, 1985.
- MINAYO, M. C de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 16.
- OLIVEIRA JUNIOR, Osvaldo. **Os usos sociais sobre as práticas sociais do letramento**. 2009. Disponível em <<http://www.filologia.org.br>> Acesso em 05/07/2017.
- OLIVEIRA, Karla Annyelly T. de. **Saberes docentes e a Geografia urbana escolar**. Goiânia, 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás.
- OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores**. Pro-posições, Campinas-SP, v. 20, no. 3. 2009.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS** (Brasil). Ministério de Educação e Cultura. 1998.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. [tradução Álvaro Cabral, 1975]. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO** (Brasil). Guia de livros didáticos: Geografia. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.
- REGO, N. et al. **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. P.175.

SANTOS, Célia Regina B. dos. **Desenvolvimento profissional de professoras de Geografia: contribuições de um grupo de estudos sobre o ensino de localidade.** São Carlos, 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Humanas da Universidade de São Carlos.

SANTOS, E. A. C. **O lúdico no processo ensino-aprendizagem.** Disponível em http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf> Acesso em 20 dez. 2016.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** 2001. 155f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.